

## Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.  
Com estampilha..... 600 rs.  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Annunciam-se obras litterarias em roca de dous exemplares.

## Pagamento adiantado

Redacção e administração  
Rua d'Arruella n.º 119

# O POVO D'OVAR

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

## Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha.  
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.  
Repetições..... 20 rs. linha  
Annuncios premanentes 5 »  
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa  
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

## O conflicto

Não fazemos mal em ir pondo para o lado as nossas chimericas esperanças em obter um resultado, que satisfaça ás aspirações do povo e aos interesses nacionaes.

O governo e a imprensa de todos os matizes politicos fizeram-nos prever negociações em que não figuravam já clausulas humilhantes; e entretanto a Inglaterra ia pedindo a approvação do *statu quo*, pelo qual cediamos a propriedade exclusiva dos nossos rios africanos sem obter cousa alguma. Por esta fórma, apenas fiados na miragem d'um melhor futuro, perdemos um elemento de valor.

Os inglezes deixaram-nos ir ruminando as nossas esperanças, dar ao mundo o espectáculo de uma expedição armada á nossa Africa oriental, para depois nos lançar a desillusão d'um modo mais desattencioso possivel.

E nós só sabemos o que pensa o governo da nossa alliada, quando o noticia uma agencia particular por o seu correspondente o ter ouvido em plena camara! Isto não o supportava a opposição progressista se tivesse succedido quando poder o governo regenerador. Por muito menos foi accusado e ridicularizado o nosso embaixador em Londres, o snr. Barjona de Freitas.

A verdade é que o nosso conflicto com a Inglaterra vae de mal a peor.

Caminhando firme e direito ao seu fim, os nossos alliados só pensam em arrancar-nos os territorios africanos, que julgam os mais fertis ou os mais ricos em metaes. Tudo lhes serve para consumir o facto do esbulho, comtanto que o esbulho lhes convenha.

Por isso nós, por mais de uma vez dissemos, que foi um verdadeiro erro o não se ter approvado o tractado de 20 d'agosto passado. Quanto mais se protelarem as negociações, mais expoliados seremos. Ninguem então quiz acreditar n'isto e nós mesmos nos deixámos por algum tempo illudir: ahí está agora o resultado tristissimo, agravando consideravelmente a crise financeira, que nos devora.

Se em 20 d'agosto tivessemos acabado o conflicto, seria mais desaffogada a nossa situação interna e para ella dirigiria o governo todas as suas atencões. Também não teriamos feito os grandes sacrificios pecuniarios, que demandou a expedição africana, o que já não é pouco, attendendo ás precarias circumstancias em que se acha o thesouro publico e ao peso dos impostos que sobrecarregam os contribuintes.

O governo inglez vae dizen-

do—que melhor nos fôra ter accedido o primeiro convenio. Já alguns dos que em boa-fé se deixaram arrastar para as arruaças, que precipitaram a queda do ministerio regenerador, estão convencidos do que o governo inglez affirma; mas agora não ha remedio algum.

Assente em que demos um mau passo, é preciso tanto quanto possivel modificá-lo. O governo subiu ao poder unica e exclusivamente para resolver as duas questões principaes—a africana e a financeira. E' preciso pois que aquella seja resolvida por qualquer fórma—um pouco melhor ou um pouco peor, porque não podemos viver assim indefinidamente, dividindo o tempo entre esperanças ou ancias, impossibilitados de cuidar em outros assumptos. Também nada lucra o paiz com que o ministerio se demitta, deixando tudo no mesmo estado. Importa-nos pouco que seja ou não coherente com as promessas que fez—resolva o conflicto como poder, porque foi para isso que tomou as redeas do governo. Ninguem o poderá accusar, porque todos o julgaram sem força para cumprir o mandato, que as circumstancias impunham.

Depois da resolução do conflicto caia, porque cumpriu a sua missão—nada mais lhe resta a fazer, tanto mais que se reconheceu já sem forças para levar a bom caminho a situação financeira.

As arruaças que se seguiram ao tractado de 20 d'agosto preparadas pela opposição monarchica e secundada depois pelos republicanos teve só em vista a queda do governo regenerador. O partido progressista pensava em conquistar o poder: simulando a patria perdida, expoliada; appellava para o povo das ruas, ensaiava uma *bernarda*, que logo, como por encanto, serenou quando o snr. Serpa entregou ao rei a demissão do gabinete.

Tempo depois o partido progressista assumia a preponderancia em um gabinete *extra-partidario*. Tinha conseguido o seu fim.

E' porem possivel que o plano progressista vá mais longe do que eram as suas intenções. Com a opposição ao convenio de 20 d'agosto cahiu um ministerio: agora está prestes a cahir outro, se não se modificarem os projectos do governo inglez: já por causa das questões africanas cahiram os progressistas. Logo dentro dos partidos monarchicos não haverá mais quem tome as redeas do governo.

Quem sabe se por causa d'aquella memoravel arruaça não terá de baquear um throno?

Tambem se assim succedesse o mal não seria irremediavel.

## OS PESCADORES D'AVEIRO

Não podemos encarar a serio os protestos da chamada classe piscatoria d'Aveiro, que tanto barulho quer fazer, andando em peregrinações pela imprensa, pelos ministerios e pelo paço dos reis.

O que os leva lá, o que os espicaça não é por certo a fome, nem tão pouco a justiça do que pedem. Por detraz d'elles está a intriga politica a explorar comicamente uma situação má. E' só isto o que vemos nas petições dos pescadores—a exploração dos politicos das terras pequenas, que á falta de outros meios para assegurar a sua popularidade, lançam mão qualquer expediente.

Por isso nós, desde o principio, nos insurgimos contra o desarasado peditorio dos pescadores.

Os pescadores querem que se revogue o regulamento hydraulico, na parte em que prohibe as redes d'arrastar e as nassas ou cestos de vime com a malha inferior a dois centimetros de lado.

Ora é de notar que o regulamento tem a data de 2 de outubro de 1886. Publicou-se e ninguem levantou contra elle uma só reclamação. O governo progressista, que o elaborou; começou logo a pol-o em execução: foram por isso julgadas algumas policias correcionaes e condemnados os pescadores por transgredirem o art. 181 que prohibe a pesca com redes nas circumstancias acima referidas. E comtudo os pescadores d'Aveiro não fizeram ouvir um unico protesto, uma unica reclamação.

Mais. O cavalheiro que agora acompanhou a comissão dos pescadores a Lisboa e que por lá os anda a dirigir, pediu por vezes no jornal o «Parlamento» d'Aveiro providencias contra o abuso, que se estava fazendo, das redes de malha pequena, e mostrou em artigos successivos os enormes prejuizos que á nossa ria provem uso e abuso de semelhantes redes.

Como é que, estando a mais de quatro annos em pratica o regulamento da hydraulica, satisfazendo elle, na parte relativa á pesca, ás ideias propagadas pela imprensa, as que estavam consignadas em varias posturas municipaes e mesmo ao especial da ria vem agora os pescadores d'Aveiro protestar contra ella, e, nomeando, como que seu presidente e guia, o homem que tinha advogado ferrenhamente ideias oppostas ás suas?

Ninguem se deixará illudir. A especulação politica faz de meia duzia de pescadores simples instrumentos para alcançar popularidade.

E' isto o que vê, quem, friamente e despido de qualquer preconceito, observa os actos dos pescadores d'Aveiro.

Não precisamos de repetir o que por mais de uma vez temos dito—o artigo 181 do regulamento hydraulico deve ser mantido, porque, longe de cauzar prejuizos á classe dos pescadores d'agua doce, traz-lhes muitos beneficios.

Se em vez de os espicaçar para manifestações, os politicos elucidassem os interessados, fazendo-lhes vêr quanto é util para o desenvolvimento da pesca essa disposição restrictiva, não veriamos o ridiculo espectáculo, que a comissão dos pescadores d'Aveiro anda fazendo em Lisboa.

Conformem-se os pescadores com a lei e deixem de lado as sugestões dos politicos.

## Novidades

**João Pinho.**—Chegou, vindo do Brazil, o nosso amigo e antigo companheiro de Coimbra, João Pinho. Nem um mau clima, nem 11 annos d'ausencia conseguiram modificar um só traço d'aquella sympathica phisionomia.

Vem o mesmo homem, o mesmo João Pinho, o mestre da barra em Coimbra, e o querido actor da nossa plateia.

Veio o mesmo e encontrou aqui tudo mudado—os rapazes, os homens e as coisas. Onze annos podem passar por sobre um homem e accentuar-lhe apenas um pouco mais os traços do rosto, tornando-o mais expressivo, accentuando mais o typo; mas uma villa, um povo muda, caminho, não importa para onde, ou com que fito.

Pelletan disse—*le monde marche*—Ovar caminhou durante este lapso de tempo, o bastante para João Pinho se encontrar por vezes em um meio perfeitamente imprevisito pela novidade.

D'aqui mandamos-lhe um aperto de mão.

**Variola.**—Tem decrescido um pouco a epidemia da variola, não cauzando n'esta semana victimas algumas.

Tem-se vaccinado muita gente.

**Falsa mençiga.**—Andava por ahí emaltada n'um rancho de pobres que em dias certos da semana vão a casas certas buscar esmola, a Clara dos Tremoços, uma velha andrajosa, de aspecto quasi repellente.

Todos a julgavam extremamente pobre.

Morreu ha dias n'uma enxer-

ga apodrecida, quando nas caixas tinha grande porção de roupa, boa e um soffrivel mealheiro em ouro, além d'um predio de casas.

Não deixou herdeiros e por isso tudo aquillo vae para o Estado.

Ahi veem os habitantes da nossa villa como são aproveitadas as suas esmolos!

O uso e costume em que estão muitas casas de marcar dia certo para as suas esmolos, dá lugar a presenciar-se um espectáculo por demais ridiculo além de pouco religioso. A' porta d'essas casas veem-se emaltados dezenas de mendigos de aspecto andrajoso, que nem sempre representa a miseria, á espera do dinheiro, que julgam de obrigação ser-lhe dado: fazem questões e reclamações bem pouco proprias do acto.

Emquanto esta gente, arranja uma soffrivel maquia, tem proveitos de outra parte, estavam vivendo na miseria, supportando fome os verdadeiros pobres envergonhados. A esses era mais bem applicada a esmola e, porque era encoberta satisfazia melhor á prescripção do evangelho—não saber a mão esquerda de que a direita dá.

Os magotes á porta mais parecem pruridos de vaidade de que sentimentos humanitarios.

**Doença.**—Tem estado doente em Oliveira d'Azemeis o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Ernesto da Costa Souza Pinto Basto, digno par do reino. Estimamos as melhoras de s. ex.<sup>a</sup>

**Festividade.**—Segunda-feira é o grande arraial em Entr'Aguas de Vallega. Festeja-se alli a Senhora de Fevereiro.

Não faltará por certo grande concorrência, porque são ennumerados os amantes d'aquellas diversões.

**Tempo.**—Subiu o thermometro e vieram grossas bategas d'agua n'estes ultimos dias. Eram bem precisas por causa da agricultura. Os nossos lavradores tinham grande difficuldade em obter pastagens para o gado. As hortaliças iam falhando nas praças, tanto mais que a procura para os mercados visinhos era muito grande.

Por isso todos bemdisseram a chuva, apesar dos grandes lamaças, que por ahí fez.

**Senhora da Graça.**—Dizem-nos que os mezarios da Senhora da Graça pensam em brevemente reedificar esta capella, aproveitando parte das paredes existentes, como alicerces, e elevando a capella nova á altura das estradas que a cercam.

Achamos louvavel a intenção, mas não o projecto.

A nova capella deve ser recuada um pouco mais para o nascente, tomando o espaço do caminho que alli fica; isto não só

para obter maior largueza em frente, como para terminar com aquella passagem pouco propria. E' possivel que a confraria tenha o capital bastante depois do ultimo donativo deixado pelo falecido capitalista José da Cunha Teixeira.

**A Estação.**—Publicou-se o n.º 16 de dezembro.

*Summario:* Correio da moda. *Gravuras:* Vestido com paletot curto e justo—Vestido com corpo de astrakan para patinar—Vestido com capinha para patinar—Barrete napolitano para meninas—Chaile de crochet—Chaile de tricot com renda de ponto de rêdo—Paletot justo—Corpo decotado com cinto e fileira de filigrana—Corpo afogado com cinto de filigrana—Toucado de renda para senhora—Almofada quadrada bordada—Mantellete com ponta sem chaile—Cesta com flores—Meza japoneza—Vestido em corpo fechado enviezado—Vestido para passeio com capa grande e touca para meninas—Vestido com plastrão—Vestido com corpo collete—Vestido com portinholas d'algabeira—Penteado e collar de flores—Golla—Porta-chaves guarnecido—Vestido para senhora de idade—Caixa com pintura queimada—Brinquedos para criança—Chapéo redondo de velludo—Vestido para sarão com corpo decotado—Grinalda de rosas para ornamento do vestido de haile—Pasta de madeira queimada—Vestido guarnecido com rosetas para baile—Chapéo redondo de feltro—Chapéo para theatro—Vestido apanhado para baile—Luvas de inverno—Chaile de renda—Penteado para sarão—Corôa das rosas de trepadeira—Almofadinha em fórma de ferradura etc., etc. Com dous figurinos coloridos.

grande cidade aonde queriam chegar antes da noite.—Félibien disse:

—Parece-me, caro Aymeril, que tu não amas ninguem n'este mundo aliás não andarias tão alegre como sempre te vemos.

—Inclino-me a pensar,—acrescentou Roland,—que os sonetos e balladas com que divertes os passaros da floresta apenas traduzem mentirosas ternuras; foram feitos ao caso, na previsão de um amor que podesse vir, mas que ainda não veio.

Aymeril sorria. —Quanto a mim,—proseguiu Félibien, sinto-me definhar dia a dia só ao pensar que aquella a quem amo me espera a mais de mil leguas d'aqui, n'um castello onde tem por unico prazer a presença d'um marido velho, o que nunca foi distracção bastante para uma mulher nova.

—Pela minha parte,—acrescentou Roland,—soffro por causa da filha de um imperador, á qual jurei amor e que deve admirar-se todas as manhãs, quando se levanta, de não encontrar no peitoril da janella da sua torre um bouquet de lyrios que eu costumava lá ir pôr todas as noites terpendo com perigo de vida pelos intersticios as pedras.

Aymeril continuava sorrindo. Por fim disse:

—De certo sois muito para lastimar. Fazeis mal, porem, em pensar que não estou tão apaixonado como qualquer, de vós o poderá estar. Ah! se soubesseis como adoro aquella por quem sou amado! Mas é que me preveni, e ao partir para esta longa viagem em vez de dexial-a em sua casa, torre ou castello, troxe-a commigo.

Os dois outros principes replicaram:

—Ao que vemos, pretendes zombar connosco? Pois se trouxesses commigo a tua amada, nós não a teriamos já visto? a menos que não a tragas occulta nas bagagens n'algun cofre cheio d'orificios para ella respirar, ou que ella se não disfarce sob o trajo d'alguns dos teus pagens.

—Não a trago em nenhum cofre, porque receiaria que a incomodassem os balanços dos carros; não a trago vestida de pagem, porque n'esse caso ver-lhe-hiam as pernas, de que eu sou muito cioso.

—Então onde a trazes, não nol-o dirás?

Aymeril hesitava em responder; mas como elles continuassem a interrogar-o com muita instancia, disse:

—No engaste do meu anel.

II

Imaginem o que os outros riram! Uma mulher no engaste d'um anel era lá coisa que se acreditasse! Então amaria elle uma creatura do tamanho d'uma pulga? Havia de ter graça, a tal menina, com cabellos tão compridos como a invisivel penugem das flores, e com os seus sustos, quando passasse no jardim, de ser pisada pelas coccinelhas que passassem.

Bem se cançava Aymeril a dizer-lhes que elles não percebiam nada d'aquillo, que tudo era possivel a certas fadas a quem elle prestára grandes serviços; os companheiros riam cada vez mais e diziam:

Isto é troça, meu amigo; isso não é para nós.

Exgotou-se afinal a paciencia ao bom Aymeril, que resolveu—foi uma imprudencia!—mostrar-lhes que faziam mal em não o acreditarem. Ergueu a mão esquerda onde tinha o anel, abriu com a unha o engaste e apenas applicou os labios á pequena abertura sahiu d'ella, muito pequenina, visivel a custo uma figurinha viva que, crescendo, avultando, se tornou d'ahi a pouco n'uma formosissima menina toda vestida de seda e ouro! E a joven, passando os braços em torno do pescoço d'Aymeril, perguntou-lhe:

—Que queres, meu bom amado?

E' indiscriptível a supreza dos dois principes incredulos, surpresa que subiu de ponto quando a um sópro do seu amigo a joven tornou a diminuir, voltou ás suas microscopicas dimensões e desapareceu no engaste, que se fechou por si mesmo. N'aquella occasião não se tornou a fallar de tal prodigio, porque os creados vieram prevenir de que os cavallos já tinham bebido e era tempo de continuar a viagem.

III

Mesmo depois de recomeçarem a marcha, nem Félibien nem Roland dirigiram a palavra ao principe Aymeril. Conversavam comtudo, os dois em voz baixa. Por muito pouco que se houvesse mostrado a mysteriosa habitante do engaste, haviam notado bem que era formosissima e seductora nos seus ricos adornos, e que não seria infeliz quem podessem entreter-se um pedaço com ella.

—Pois sim, mas não seria facil conseguilo,—disse Félibien. Já vejo que és muito pouco inventivo!—replicou Roland.—Que diabo custaria entrar de noite no quarto do nosso companheiro, quando elle estiver a dormir e tirar-lhe o anel do dedo?

—Sem o acordar?

—Depois de um dia de jornada, dorme-se profundamente! E uma vez que tenhamos o anel em nosso poder, parece-me que saberemos abrir o engaste e fazer sahir d'elle por meio de um beijo—porque eu bem vi como fez Aymeril,—a pequenina mulher tão bem vestida e tão deliciosa.

—Oh? Não é o beijo que me embarça a mim, não.

Assim conversando, combinaram tentar a empreza. Muito mal feito! Não só praticaram a feolina para com um amigo que nunca lhes fizera mal, mas faltariam á fé duvida, Félibien á dama que o esperava n'um castello a mil leguas d'ali, som outro prazer mais do que a presença d'um marido já velho; e Roland á filha do imperador, que, encostada á janella da torre, se lamentava de já allí não encontrar as flores d'outr'ora.

Ah! Não faltam n'este mundo maus principes que obedecem aos desejos sem se preocuparem com os tormentos alheios! Quanto a Aymeril, nada tendo ouvido e não podendo portanto saber o que tramavam contra elle, trôtava sem inquietação; ora fitando o azul do ceu ou as nuvens brancas como algodão em rama, ora approximando o anel da boca e entoando a meia voz uma canção para que a pequenina captiva se não aborrecesse muito na sua microscopia paixão.

IV

Fizeram como tinham combinado. Quando toda a gente se

deitou na hospedaria escolhida para pernoitar, quando Félibien e Roland suppozeram que o seu companheiro devia estar havia muito a dormir, introduziram-se sem fazer bulha no quarto que lhe fôra reservado.

Tudo era silencio e escuridão. Ouvia-se apenas o respirar sereno do joven dormente.

Félibien, que tinha boa vista apercebeu uma coisa que luzia. Devia ser o ouro do anel. Apalpou com precaução. Era com effeito o anel, no dedo de uma das mãos que pendia fóra do leito.

Retirou a joia devagar muito devagarinho.

Depois disse em voz baixa: Saíamos. Já cá tenho!

Imaginem o contentamento dos dois traidores quando voltaram ao seu quarto, depois do bom exito da sua empreza, e que examinaram á luz da vela o precioso engaste, moradia de tão amavel mulher!

Só restava fazela-a sahir d'alli. Encarregou-se Roland de tão facil tarefa; levantou com a unha a ligeira tampinha de oiro, e applicou os labios ao orificio.

De repente acommetteu-os um receio. E se a joven não estivesse no anel. Se, durante a noite, Aymeril a tirasse d'ali para a deitar ao seu lado? Que afinal no seu logar, era o que qualquer d'elles teria feito. Não haviam pensado n'esse possivel contratempo. Tinha talvez entrado subrepticamente n'um quarto, como perfectos ladrões, elles, gentilhomens e principes, para nada? Mas logo se tranquillizaram.

A joven estava no anel! Ou por outra, já lá não estava de todo, pois que começava a sahir. Viam na ponumbre do quarto, ella crescer, desenvolver-se nos seus delicados tecidos de seda e oiro. Ah! que bonito espectaculo!

Estavam já ardendo em desejos ao pensarem na alegria que teriam d'ahi a pouco, quando a pequenina creatura, chegada ao seu tamanho natural, lhes passasse os braços ao pescoço, primeiro a um, depois a outro, dizendo-lhes:

—Que queres, meu amor?

Sentiram effectivamente uma caricia no pescoço, como o roçar d'uma manga, mas simplesmente d'uma manga.

Mas nada de braço sob a fazenda! E apertando o vestido de seda e oiro reconheceram que estava tambem vazio!

Ao mesmo tempo, do outro lado da parede, ouvia-se um ruido entrecortado de beijos e de risos.

Imaginem como ficaram os dois.

Que acontecera, pois? O justo castigo da sua traição.

Aymeril, como elles, se tinham lembrado já tarde,—todas as noites libertava a sua amada para a deitar junto a si,

Mas então porque estavam os vestidos no anel? Ora... porque a previdente captiva tinha o costume logo á noite de se despir mesmo dentro do engaste, para apparecer mais bella e radiosa ao seu bem amado!

**CORRESPONDENCIA**

REGOA, 27 DE JANEIRO DE 1891

(Do nosso correspondente)

Palavras conciliadoras.—E' esta a epigraphe do artigo edito-

rial do «Jornal do Douro» de 12 do corrente, penitenciando-se das asperrimas verrinas, aggressivas e calumniosas, de que se servira nos numeros anteriores attinentes ás eleições do jury commercial e das commissões do recenseamento, contra os seus leaes adversarios, astutamente roubados nos seus direitos, por aquelles a quem a lei impunha a mais alta obrigação de respeitar e cumprir em todas as suas disposições.

Louvamos a sua confissão porque sem ella não ha arrependimento, assim como fomos dos primeiros a verberar a maneira felina, desleal e anti-social, como abriram a discussão dos actos mais condemnaveis da sua vida politica.

Pela nossa parte estimamos devéras que assim succedesse, porque, era realmente rebaixar muito a civilisadora instituição da imprensa, unicamente pelo depravado gosto de infamar os adversarios á sombra de uma questão na qual tinham desempenhado o papel inglorio de *philistinus*, cujo epilogo ainda não sabemos qual possa vir a ser.

Era triste na verdade, depois de morto ser deshonorado.

Felizmente que a contrição veio rematrar a diabruras d'uma paixão cega e desenfreada, louca em todos os seus detalhes.

Nós como não peccamos não temos de que nos arrepender, porque sempre temos discutido com a verdade ao lado, investidos simplesmente com o escudo da justiça, continuaremos no caminho traçado de discutirmos ou apreciarmos os factos como soubermos, nos limites dos elementos que colhermos para esse fim, e tirarmos d'elles as illações ou os corollarios que merecerem. A lagrima é livre, allivia o espirito, desperta muitas vezes a compaixão de quem a vê correr, inspira comiserção, e não seremos nós tão duros do coração que lhe regatem o nosso perdão quando estivermos capacitados que houve um sincero arrependimento.

Chorem, chorem!

Não pretendemos prejudicar ninguem apezar de sermos os lesados. Desejamos unicamente justiça, que deve ser a divisa dos povos civilizados; essa é que esperamos que nos hade ser feita.

As palavras do articulista levam-nos a convencer que pretende entrar novamente n'um periodo de paz e concordia, d'onde nunca devia ter sahido. Oxalá que assim seja!

Mas, as suas lagrimas são tão repassadas de ternura, alludindo até ao amor filial, as suas expressões manifestam tão claramente um sentimento d'amor e bondade, d'um coração verdadeiramente tolerante, que nos veio surprehender no nosso meio politico-social, tão esmagadoramente vilipendiado, que difficil se nos torna acreditar um balsamo tão consolador, levando nos a suspeitar que se trata de lagrimas de *crocodillo* de que reza a fabula.

Por isso ficamos d'atalaya.

—A auctoridade administrativa, sem duvida, por um acinte malevolo está procedendo a um inquerito acerca do crime de sequestro de que foi victima o snr. dr. Joaquim Claudino de Moraes, na noite de 7 do corrente mez; mas, d'uma maneira, santo Deus, que desperta gargalhadas ainda

so mais leigo na historia do celebre sequestro. Estes homens onde imaginarão que vivem? E' verdade que a ajuizar pelos seus actos, nós não estamos n'uma terra mediocramente civilisada, mas sim no paiz do Gungmahama. Querem-nos julgar tão ingenuos, que acreditemos na seriedade com que tratam a questão em que estão envolvidos como auctores e cúmplices. Senão vejamos o rôl das testemunhas citadas para depôr na famosa investigação:

Visconde da Regoa, Antonio Roberto Pinto, (de cuja casa sahiam a malta de bandidos que atacaram o sr. Claudino), José Vaz Ozorio, (ameaçado pelo cunhado de lhe publicar a biographia), Alfredo José Baptista, . . . cá da terra), Padre Manoel de Lacerda, (aspirante á cadeira de instrução primaria complementar, de que nos occuparemos oportunamente), Francisco Lopes, (um dos caceteiros do dia 8), e por ultimo uma das figuras mais interessantes que possui a freguezia de Godim, que está ha muito pedindo a fabrica do Bicalho para figurar nas caixas de lumes de cera,—o nosso esclarecido ex-correligionario Miguel da Conceição do Amor Divino!!!

Vejam os leitores que bellos e importantes depoimentos não sahirão d'aquelles privilegiados cabeças, em abono da verdade. Se para o julgamento dos criminosos fossem validos sómente aquellas testemunhas, appeteciamos-lhe desde já um desideratum esplendido, soberbo, maravilhoso!

Mas o diabo é que a justiça não faz obra por parodias, por chulas investigações, por cantigas da Rosa Tiranna. Nas barbas respeitaveis do douto e integro magistrado, as cousas mudam de figura.

—O Jornal do Douro no seu numero de 12, dizia todo ancho da sua importancia:—«Partiu para o Porto o nosso presado amigo e collega Silva Ferraz.»

Passado dias foi requisitada a captura de *tan nobre e distincto cavalheiro*, pelo innocente motivo de se ausentar da pharmacia onde era empregado, levando por *distracção ou esquecimento* os apuros do aviamento de receitas e objectos de vestuario de cavalheiro que, na sua boa fé, ou ingenuidade, lh'os confiara. Até o nosso santo amigo José Henriques Alves apanhou um entalão com dois cortes de finas calças do seu variado sortimento.

Pois não lhe invejo a amisade e a camaradagem, caro amigo do «Jornal do Douro». D'aquelles nem de Peniche.

Praticam uma obra meritoria levando-o para officina de S. José.

E' d'esta gente que se acolhe á Regoa, sujeita ha muito a tam desagradaveis decepções, como por exemplo uns francezes da firma Christi & Companhia, salvo erro.

Não tem duvida que o nosso amigo dr. Caprimo tinha um bom defensor na celebre questão do processo, de ominosa memoria.

—Ha dias o sr. Marinheira, regedor d'esta freguezia de S.

Faustino, por graça de Deus, ou do diabo, prendeu na estação do caminho de ferro uns individuos quaesquer que subrepticamente se iam esgueirando para as terras de *Dilá* onde canta o *Sabiá*, de Casemiro de Abreu, e juntamente os seus engajadores. Agora uma pergunta muito innocente ao sr. Marinheira, se o não offende: Quem é que hade prender sua senhoria que tambem é agente do mesmo ramo de negocio? Naturalmente o seu filho, que depois das 3 horas da tarde desempenha as magestaticas funcções de administrador do concelho. Grande pandego é este sr. Mirinheiro.

Não seja tam Catão com os pequenos, com os infelizes, com os desherdados da fortuna que andam implorando a caridade publica! Ha por ahi muita gallinha de matto que não conhece capoeira, tornando-se de grande necessidade recolhelas no convento de S. João.

Precorre-os, que não faltarão quem lhe teça os maiores elogios.

—Está encantada a nomeação do administrador para este concelho. O ministro ainda se não compadeceu das nossas necessidades.

A este respeito tenho uma promessa feita que é: Se o nobre ministro não fizer o milagre implorado por uns *santarões* cá da parvonia, queimar em sua honra no dia do seu anniversario, vinte duzias de bichinhas!!!

Com relação ao fornecimento de carnes verdes, vamos de mal para peor, Santo Deus. Aquillo não é carneiro, o que abatem para consumo do Zé pagante, mas sim cães magros e velhos, pedindo queixos dos ditos.

Bem faz o amigo Marinheiro que o manda comprar além—Douro.

Faça o seu negocio amigo Lopes que para isso lhe deram o monopolio. Sirva bem os grandes, mande bons bifos ao amigo fiscal da camara, que se não escandiliza com isso. Os outros que cemam cebo e ossos.

—Já foram assentes n'esta villa os marcos postaes para a recepção da correspondencia. E' um melhoramento de grande utilidade, não ha duvida, mas não sei eu quem lá deite a minha correspondencia.

Nas grandes cidades como Lisboa e Porto, urinam-lhe para deuto, que fará aqui, onde o rapazio é destemperado, atrovido e mal creado.

### A' ULTIMA HORA

#### A sublevação militar no Porto

Hontem cerca das 3 horas da manhã rebentou no Porto uma das mais tristes e consternadas sublevações.

E' impossivel descrevermos os acontecimentos, mas os nossos leitores já deverão ter conhecimento pelos jornaes.

Entre o grande tirotoio á a lamentar as seguintes victimas e feridos:

Eis os individuos que entram para os Hospitales feridos.

Victorino da Silva, soldado da guarda fiscal.

João Aleixo, corneteiro.

José Manoel da Silva Monteiro, charuteiro.

Joaquim Sant'Anna, pedreiro.

João Castro, empregado forense.

Antonio Guedes Junior, alfaiate.

Manoel Pereira da Fonseca, chapelheiro.

Domingos da Cunha, soldado da guarda fiscal.

Cosme Campos Cabral, estudante.

Antonio Joaquim, soldado da guarda municipal.

Bernardino Gonçalves Losa, cabo da guarda municipal.

Julio Caldeira, 2.º sargento de infantaria 18.

Allino Cardoso, policia fiscal.

Maria Rosa, mulher de recados.

Custodia Alves, costureira.

Estas duas ultimas e o estudante Cosme estão muito mal feridos.

Entraram tambem para o hospital quatro cadaveres.

Um de José Gustavo Adolpho Alves d'Almeida Guimarães, e um de Jayme Felinto.

Outro do tamanqueiro José Joaquim d'Almeida.

Outro do trolha João de Carvalho.

E ainda outro d'um desconhecido.

Para o hospital do Terço, desde logo franqueado pelo prior sr. Delfim de Lima, entraram tambem os seguintes feridos e atropellados.

Soldado 206 da 2.ª companhia da guarda fiscal. Tinha-lhe entrado uma balla junto ao coração. Morreu depois de chegar ao hospital.

Soldado 237 da mesma companhia, levou uma bala na barriga. Está n'um estado gravissimo.

Soldado 153 da mesma companhia, entrou-lhe uma bala na perna esquerda.

Soldado 122 da mesma companhia. Ferido na região inguinal.

Soldado 19 da 4.ª companhia do 1.º batalhão d'infanteria 10 ferido no ventre.

Soldado 108 da 1.ª companhia da guarda municipal. Magoado por ter sido atropellado pelo povo.

Augusto Canedo de Carvalho, 1.º sargento de infantaria 18. Magoado pelo corpo e ferido n'um joelho por ter sido atropellado.

Soldado n.º 10 da 1.ª companhia do 3.º batalhão de infantaria 10. Perna esquerda ferida.

Soldado 125 da 2.ª companhia da guarda municipal. Ligeiramente molestado.

1.º cabo 117 da 2.ª companhia da municipal. Entrou-lhe uma balla na perna esquerda.

Cabo 109 da 1.ª companhia do mesmo corpo. Tem um pé torcido.

Soldado 110 da 1.ª companhia da guarda fiscal. Doente.

Soldado 114 da 1.ª companhia da guarda municipal. Entrou-lhe uma bala na perna direita.

Soldado 97 da 2.ª companhia do mesmo corpo. Entrou-lhe uma bala no braço direito.

Dr. João Henrique da Rocha.

Tem um ferimento no frontal, do lado esquerdo, em virtude de queda.

Soldado 72, da 2.ª companhia da guarda fiscal. Ferido por uma bala no ventre e no braço esquerdo.

Soldado 112 da 1.ª companhia da guarda municipal. Ferido no braço esquerdo, perna do mesmo lado e peito. Foi-lhe extrahida a bala.

2.º sargento de infantaria 10, Antonio Maria. Ligeiramente magoado.

Soldado n.º 9 da 1.ª companhia da guarda fiscal. Ferido por uma bala no maxillar inferior.

Soldado 93, da 4.ª companhia do mesmo corpo. Apenas magoado.

Soldado 94, da 3.ª companhia do mesmo corpo. Ferido no braço esquerdo e no peito.

1.º sargento de infantaria 10, José Coelho d'Almeida. Apenas molestado.

1.º sargento do mesmo corpo, Thadeu Gonçalves de Freitas. Magoado.

Antonio Pereira d'Almeida, residente na rua da Senhora da Lapa. Tem a perna esquerda fracturada.

### ANNUNCIOS JUDICIAES

#### EDITOS

(2.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar, e cartorio do Escrivão Coelho correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando os herdeiros do reverendo Roberto Gonçalves de Sá, abbade que foi da freguezia d'Esmoriz, pessoas incertas para na segunda audiencia d'este juizo findo o praso dos editos, verem accusar a citação e louvarem-se em arbitros commerciaes necessarios perante os quaes Manoel dos Santos Loureiro, abbade de São João de de Vés e Bento Gomes dos Santos de Gueifaz, ambos da comarca da Feira, pretendem propor uma accção commercial contra os referidos herdeiros d'aquelle abbade para lhe pagarem a quantia de tresentos mil reis que o mesmo lhes deviam.

Ovar, 13 de janeiro de 1891

Verifique axactidão

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

### ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 8 de Fevereiro proximo, pelo meio dia á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vão á praça para serem arremattadas por quem mais offerecer sobre a avaliação no inventario por morte de Augusto dos Santos Alla, que foi da rua das Ribas, d'esta Villa, sendo as despezas da praça e contribuição de registro á custa do arrematante as seguintes:

#### PROPRIEDADES

Uma morada de casas terreas com todas as suas pertencas, quintal, eira, caza da eira e poço, sita na rua direita das Ribas, d'esta Villa, a confron-

tar do norte com Francisco Pinto Catalão, sul com propriedade do cajal, nascente com José Gomes Lamego e filhos e poente com a rua publica, avaliada em 800\$000 reis.

Um armazem com um saão por cima, e mais pertences sito na travessa das Ribas d'esta Villa, que confronto do norte eom José Gomes Lamego, sul com Anna do Rozario nascente com a rua publica e poente com bens do calal. avaliada em 250\$000 reis.

Ovar, 15 de janeiro de 1891

Verifiquei  
O Juez de Direite  
Salgado e Carneiro  
O Escrivão  
João Ferreira Coelho  
(54)

### ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 22 de Fevereiro proximo, pelo meio dia, á porta do tribunal d'esta comarca, vai á praça para ser arrematada por quem mais offerecer, na execução por custas que o escrivão abaixo assignado move contra José Caetano Pereira e mulher, do logar da Espinha, freguezia de Vallega, um morada de cazas altas e baixas com pouco, quintal, armazem ao fundo d'este e mais pertencas, sito no dito logar da Espinha de Vallega, allodial, avaliada em 675:000 reis o pretencente aos executados.

Por este meio são citados os credores, incertos dos executados para uzarem dos seus direitos.

Ovar, 27 de janeiro de 1891

O Escrivão  
Antonio dos Santos Sobreira  
Verifiquei  
Salgado e Carneiro  
(54)

### Annuncios

#### Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento da sua chorada esposa, mãe, irmã, cunhada, tia e prima, Thereza Ferreira da Silva.

Ovar 22 de janeiro de 1891

Manoel Rodrigues Pepulim.  
João Rodrigues Pepulim  
Maria d'Oliveira Gomes.  
João F. da Silva Bonifacio.  
Maria Ferreira da Silva.  
Rosa Rodrigues Perucha.  
Anna Rodrigues Perucha.  
Maria Emilia Pinto.  
Gracia do Espirito Santo.  
Gracia d'Oliveira Gomes.  
Anna Emilia Pinto.  
Manoel Rodrigues Pepulim (auzente).  
Thereza d'Oliveira Gomes.  
Rosa d'Oliveira Gomes.  
Gracia d'Oliveira Gomes.  
Manoel Fernandes da Graça.  
José Rodrigues Pepulim.  
Manoel José Rodrigues Pepulim.  
Manoel G. da Silva Bonifacio.  
José Gomes da Silva Bonifacio.  
Manoel José Ferreira Coelho.  
Francisco Ferreira Coelho.  
João Ferreira Coelho.  
Antonio Ferreira Marcelino.  
José Fragateiro de Pinho Branco.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Emile Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsoada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indscriptiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrependimento e pelas lagrimas—lagrimas terribes que farão vibrar de entrecimento todos os leitores de oração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavizadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.ª de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahio da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numero de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attraentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joelho e resumida, o que representou uma córte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanais de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto, as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em exte n sã o 72 por 60 centimetros, e é tnecontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje jem apparecido.

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenantes, dn'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase no espirito ás regiões sublimes do bello e inunuda de enthuasmo a nossa alma, levando-nós a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volumés ou 18 fasciculos em 4.ª, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que ançariam qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sus conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACÃO Eduardo da Costa Santos, editor 4, Rua de Santo Ildefonso, 4 PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande reduccão nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

- CAMILLO CASTELLO BRANCO CARTA DE GUIA DE CASADOS, por D. Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 réis A ESPADA D'ALEXANDRE... 240—120 » LUIZ DE CAMOES, nota biographica av. 400—200 SENHORA RATTAZZI 1.ª edição... av. 160—60 » SENHORA RATTAZZI 2.ª edição... av. 200—100 » QUESTAO DA SEBENTA (aliás BOLLAS e BULLAS: Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECCO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidas sem diversas epocas pelo auctorio fallecido Ernesto Chardron. LUGAN GENELIOUX, successores, Clerigos, 960—PORTO. A C. Callisto... av. 60—30 » Notas ao folheto do dr. A. C. Callisto... av. 60—30 » A Cavallaria da Sabenta... av. 100—50 » Segunda carga da cavallaria... av. 150—75 » Carga terceira, trepluca ao padre... av. 150—75 »

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisacão, rua de Santo Ildefonso, 12. Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.º

ASSIGNATURA

Anno..... 2\$400 Semestre..... 1\$200 Trimestre..... 600 Mez..... 200

Avulso 50 réis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará também a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 meses)..... 1\$200 Por duas series (um anno) 2\$400 Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem dão-se passagens gratuitas a individnos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são convenientes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo



EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis 19—Rua dos Mercadores—23.